

DRAG QUEENS: O PROCESSO DE DESLOCAMENTO DO SIGNIFICADO FEMININO NO SISTEMA DA MODA

Drag Queens: The displacement process of meaning feminine in the fashion system

Santos, Diego; Especialista; Universidade Federal do Paraná,
diegofriedrich@outlook.com.br¹

Resumo: Como acontecem os novos rituais de consumo na moda a partir da imagem Drag Queen? Para tratar dessa problemática, utilizo o editorial da Vogue Brasil veiculado em Outubro de 2021 como objeto empírico. O aporte teórico é construído a partir das ideias de McCracken (2007), Barthes (2009), Butler (2010) e Warburg (2012).

Palavras chave: Drag Queen; Gênero; Consumo; Significações; Moda.


Abstract: How are the new rituals consumption in fashion from the Drag Queen image happen? To answer this problem, I use the vogue Brazil editorial published in October 2021 like empirical object. The theoretical support is built from the ideas of McCracken (2007), Barthes (2009), Butler (2010) and Warburg (2012).

Keywords: Drag Queen; Gender; Consumption; Meanings; Fashion.

Introdução

O presente artigo propõe pensar a performatividade de gênero a partir das Drags Queens e como o movimento cultural é deslocado para o bem de consumo da Revista Vogue Brasil a partir do sistema da moda. Para isso, busco responder: Como acontecem os novos rituais de consumo na moda a partir da imagem Drag Queen? Para tratar dessa problemática, utilizo o editorial da Vogue Brasil veiculado em Outubro de 2021 como objeto empírico, nele, o movimento da cena Drag Queen é usado como simbolismo de feminilidade e diversidade como um símbolo de força, liberdade e independente. O aporte teórico é construído a partir das ideias de McCracken (2007) sobre a estrutura e o movimento do significado cultural nos bens de consumo e nas reflexões de Barthes (2009) sobre o sistema de moda. Para falar sobre a arte Drag Queen, me apoio no pensamento de Judith Butler

¹ Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria. Especialista em Produção de Moda, Comunicação e Styling pela Universidade Positivo. Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná. Integrante do Grupo de pesquisa ECCOS – Estudos de Comunicação, Consumo e Sociedade, vinculado a UFPR.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

(2010) acerca do gênero e da Teoria Queer. Para as análises simbólicas, é utilizada a metodologia Warburgiana (2012), assim, é compreendido como os símbolos nas imagens do editorial resistem pelo tempo, pois para o autor, esses símbolos fortes ressurgem na arte devido ao caráter recorrente do pathos.


Para iniciar o artigo, apresento o objeto de pesquisa, a revista Vogue Brasil, para entender o editorial, foi necessário voltar em outra edição da revista e entender o seu histórico de erro, pois o editorial em questão é considerado um de seus acertos. Após, adentro nas reflexões de Barthes (2009) e McCracker (2007) para a compreensão do sistema da moda e o seu papel no deslocamento do significado cultural perante os bens de consumo em nossa sociedade. Em um terceiro momento, reflito algumas questões centrais sobre gênero e a teoria queer, aproximando com os estudos existentes sobre as Drag Queens. Posto isso, evidencio a análise das imagens do editorial a partir da ideia do pathosformel construída por Aby Warburg (2012), revelando os simbolismos trazidos nas imagens do editorial, por fim, apresento as considerações finais com os pontos centrais da pesquisa em questão.

A relevância do estudo está em sua carga de reduzir os estereótipos perante o gênero e ao feminino, como nas reflexões sobre o deslocamento cultural do simbolismo da diversidade para os bens de consumo, lembrando que essa pauta é uma construção social, reforçada por imagens históricas de opressões e falocêntricas.

O artigo revela os significados culturais modificados a partir do editorial (bem de consumo), refletindo sobre a performatividade de gênero a partir das Drag Queens, trazendo novos questionamentos sobre o movimento funcionar como uma agência de normativas ou como um atributo de subversão perante a cultura homogênea dominante, também revela sobre novas ritualizações de consumo emergente perante esses movimentos simbólicos culturais.

1. O objeto empírico: Vogue Brasil e o Editorial Drag Queen

A revista Vogue Brasil, referência na moda brasileira, apresenta um histórico de erros ao trabalhar com pautas sociais atuais, possuindo uma imagem negativa no meio editorial. No início da pandemia da Covid-19, enquanto revistas de outros países abordavam



a temática, a Vogue Brasil publicou a capa com a modelo Gisele Bündchen com a chamada: “Novo normal”, sendo que a Vogue Itália publicou uma capa em branco, refletindo o momento em que o mundo estava perdido e com medo, assumindo o lugar de desespero.

Figura 1: Capa Vogue Brasil edição de abril de 2020.



Fonte: <https://vogue.globo.com/moda/noticia/2020/04/gisele-bundchen-celebra-simplicidade-na-vogue-brasil-publicacao-vogue-italia-publica-capa-em-branco-por-conta-da-pandemia.html>, 2021.

Figura 2: Capa Vogue Itália edição de abril de 2020.



Fonte: <https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2020/04/pela-primeira-vez-em-mais-de-100-anos-da-publicacao-vogue-italia-publica-capa-em-branco-por-conta-da-pandemia.html>, 2021.

A Vogue Brasil sofreu muitos ataques no meio digital, ao mesmo tempo em que a Revista Elle Brasil estava voltando totalmente digital, com um discurso de reduzir impactos ambientais com a impressão e trazendo como redatoras, as intelectuais do feminismo para falar sobre moda (vale ressaltar que a palavra moda é tratada como sinônimo de costume, comportamento), o que trouxe um público muito grande de jovens leitores para a segunda revista.



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Foi em Outubro de 2021 que a Vogue Brasil lançou um editorial com as peças da alta costura, trazendo as novas coleções das renomadas marcas “Chanel”, “Prada” e “Gucci”, com uma nova estratégia, as modelos eram todas Drag Queens brasileiras, como Pablo Vittar, Gloria Groove, Bianca DellaFancy e Halessia, com a ideia do luxo das marcas e uma nova feminilidade em perspectiva da diversidade.

O editorial repercutiu como um acerto da revista no meio editorial e um novo público, os LGBTQIA+s, começaram a procurar a revista a partir disso, em que a vogue ressignificou a moda e seus erros a partir desse movimento.

2. O sistema de moda e seus rituais de consumo


Para Barthes (2009), o sistema da moda é visto pela sistematização da linguagem, ou seja, signos, significantes e significados, tratando do que a linguagem condiciona como sentido, pois segundo o autor, “o que faz desejar não é o objeto, é o nome; o que faz vender não é o sonho, é o sentido” (BARTHES, 2009, p. 16).

Nesse sistema, é possível visualizar três métodos, vestuário-imagem, o desenhado ou fotografado, com unidades no nível da forma, o vestuário-escrito, o que descreve os detalhes, peculiaridades daquilo que se vê e do que não é visto fisicamente na imagem, relacionado ao nível vocabular e o vestuário-real, modelo que guia os outros dois, trazendo a materialidade, o palpável, físico, relacionado à fabricação. Para a análise do editorial, irei estabelecer relação com os dois primeiros métodos apresentados pelo pensador.

O conceito de shifters também será útil, uma vez que ele refere aos elementos intermediários entre o código e a mensagem, fazendo uma dependência da configuração entre imagem, linguagem, vestuário e aquilo que é real; sendo as três configurações: do real à imagem, do real à linguagem e da imagem à linguagem.

Em referência ao vestuário-escrito, é perceptível que toda descrição possui uma finalidade, que é manifestar ou transmitir a moda, entrando nas questões de comutação, como uma troca, uma permuta, a qual aparece geralmente em pares.

Uma vez que o signo indumentário se oferece à leitura através de um discurso que o transforma em função (este vestuário serve para tal uso mundano), ou em asserção de valor (este vestuário está na moda), podemos concluir que o vestuário



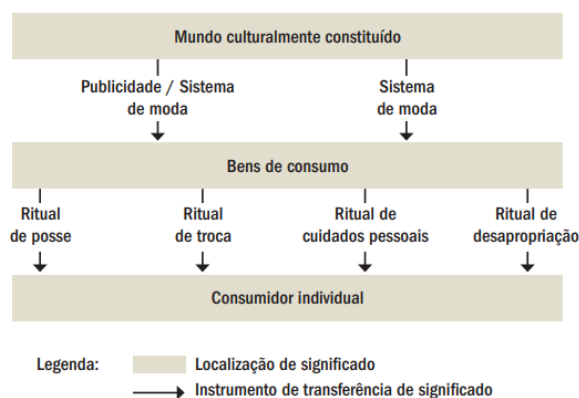
escrito comporta pelo menos dois tipos de relação significante (BARTHES, 2009, p. 53).

Para esse sistema, o signo deve ser compreendido como atributo que se destaque a sua extensão, diferenciando o que o relaciona com outros signos, ou seja, o seu papel desempenhado com relação a outros signos, como veremos o signo da moda e sua relação ao movimento Drag Queen nesse editorial.

Tratando da retórica do consumo da moda, McCracken (2007), reflete sobre o movimento do significado cultural no mundo culturalmente constituído para os bens de consumo e para o consumidor individual tomado como responsáveis por esse fenômeno o sistema da publicidade, o sistema da moda e seus rituais, por esses dois sistemas em questão possuírem uma ritualização parecida, ao quais seus significantes culturais podem ser deslocados, alterando seu sentido a partir desses bens de consumo.

Nessa perspectiva, os bens de consumo possuem um caráter de comunicar significados culturais, com uma característica móvel e solúveis, em trânsito, sendo absorvido do mundo culturalmente constituído e transferido para um bem de consumo, sendo assim, esse significado cultural é localizado em três lugares: no mundo culturalmente constituído, no próprio bem de consumo e no consumidor individual, sendo possível perceber o trânsito do mundo para o bem e do bem para o indivíduo, como pode ser visto abaixo.

Figura 3: Movimento do Significado.



Fonte: MCCRACKEN, G. 2007, p.100.



16º

COLÓQUIO
DE MODA


EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Como ilustrado, a localização original do significado cultural o qual é transferido para os bens de consumo, é o mundo culturalmente constituído, são o que o autor denomina de experiências rotineiras, o qual o mundo dos fenômenos é apresentado em sentido individual, constituído pelas crenças e premissas culturais, sendo a cultura entendida como o espectro pelo qual o indivíduo percebe e assimilam os fenômenos e que determina as coordenadas de ação social e atividade produtiva, uma diz sobre como o mundo é visto, e a outra como ele é moldado, portanto, a cultura é o agente que constitui o mundo com os seus significados, a partir de categorias sociais e princípios sociais.

As categorias culturais são as matrizes conceituais de um mundo culturalmente constituído, ela determina como esse mundo será segmentado em parcelas distintas e inteligíveis, e como elas são organizadas em um sistema maior e coerente. Já nos princípios sociais, o significado encontra-se nas ideias ou valores que determinam como os fenômenos culturais são organizados, avaliados e interpretados. Enquanto as categorias são resultados das segmentações do mundo, os princípios são os pressupostos que permitem os fenômenos culturais serem distintos.

O sistema de moda é percebido como instrumento de movimentação do significado do mundo culturalmente constituído para o bem de consumo, nesse sistema, o processo possui muitas fontes de significados, agentes de transferência e meios de comunicação, operando de três maneiras para fazer a transferência do significado. A primeira, diz sobre esse sistema unir os aspectos do mundo a um bem de consumo, o que utilizaremos para a análise proposta, o processo de similaridade vislumbrada, aspecto que Barthes (2009) também considerou. O segundo, é quando o sistema em questão inventa novos significados culturais, advindo a partir de formadores de opinião que moldam e refinam os significados culturais existentes, essa invenção do significado advinda da apropriação de pessoas de menor status social, também um fator importante para a análise em questão. O terceiro ponto está na reforma radical dos significados culturais, feita pelas forças sociais anônimas, sendo um sistema capaz de movimentar significados inovadores, esses grupos capazes de propor uma reforma radical do significado cultural são os que estão às margens da sociedade, como podemos observar na história da contracultura a partir do movimento punk e hippie.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021


Tais grupos inventam um significado cultural muito mais radical e inovador do que seus parceiros de status elevado na liderança da difusão de significados. Com efeito, esses grupos inovadores representam uma ruptura em relação às convenções culturalmente constituídas da sociedade norte-americana contemporânea. Ilustram a tendência peculiarmente ocidental de tolerância a violações dramáticas das normas culturais. Esses grupos redefiniram as categorias culturais, ainda que pelo processo negativo de violação de categorias culturais como idade e prestígio (hippies e punks), ou gênero (gays). As categorias culturais redefinidas e diversos princípios culturais a elas associados entraram para o sistema cultural. Os grupos inovadores tornam-se “fornecedores de significado” mesmo quando são devotados à subversão da ordem estabelecida (hippies, por exemplo) ou estão determinados a não permitir que suas invenções culturais sejam absorvidas pelo sistema (punks [...]) (MCCRACKEN, G. 2007, p. 106).

O sistema de moda é muito complexo, tomo como aporte teórico para a investigação em questões as ideias expostas para a devida análise, no intuito de compreender como a transferência do significado cultural feito pelo editorial Drag Queen da Vogue Brasil é proposto gerando uma nova ritualização do consumo. McCracken (2007) ainda afirma que existe um entendimento teórico da maneira como os meios linguísticos e especialmente os não linguísticos expressam categorias culturais, em que faço uma analogia com a metodologia Warburgiana (2012), que reflete sobre a cadeia dos símbolos fortes culturalmente possuírem um caráter de resistência e pós-vida devido a característica atávica do Pathosformel, ressurgindo através dos tempos e por meio da arte.

Em L’Atlas Mnémosyne (2012) ao montar as suas pranchas com artes similares que o autor criou a ideia do Pathosformel, denominando como a emoção expressa no corpo e cristalizada em uma fórmula e imagem. Para a pesquisa, a prancha contendo as imagens do editorial, revela essa emoção expressada no corpo da imagem que é transmitida, a partir disso, conseguimos traçar a ideia de (re)significação no sistema de moda a partir do deslocamento do significado dos Pathos em questão.

3. O movimento Drag Queen em evidência

Para pensar no movimento Drag Queen é necessário entender algumas questões de gênero, sexualidade e suas intersecções. Ao fazer um breve estado da arte, foi encontrada uma baixa produção científica sobre o assunto, principalmente nas áreas de comunicação e da moda, como tomada de decisão a partir disso, retomo a “Teoria Queer” de Judith Butler





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

(2010) evidenciada na obra “Problemas de gênero”, como o artigo de Louro (2016b) que reflete sobre o papel da Drag Queen e o artigo de Chidiac e Oltramari (2004) sobre a identidade do grupo.


A obra de Butler (2010) questiona a distinção sexo/gênero, evidenciando a construção variável da identidade, a “Teoria Queer”, que serve de grande aporte investigativo, determinando os conceitos de performance e performatividade, esses sendo os fatores para a análise do caráter construído do gênero. Butler denuncia a chamada “heterossexualidade compulsória”, impregnada socialmente pelas instâncias reguladoras do poder - o discurso hegemônico - a partir disso, ela propõe uma “construção variável da identidade” (BUTLER, 2010, P. 23), incluindo outras identidades como protagonistas das lutas feministas, fomentando o caráter construído de todas as identidades.

Enquanto as teorias feministas buscavam uma distinção entre sexo e gênero, o primeiro sendo o domínio anatômico (biológico) e o segundo ao domínio sociocultural, a autora afirma que ambos (sexo e gênero) são construídos socialmente, descartando a ideia do primeiro como natural. Podemos fazer uma reflexão a partir do próprio significado semântico da palavra culturalmente, como a autora reflete:

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo (BUTLER, 2010, p. 25).

As reflexões de Butler tem aporte na filosofia ocidental, em que corpo e mente não estão separados, para ela, o corpo não possui nada de natural, sendo construído a partir a educação pelos instrumentos sociais de poder, fornecidos para as crianças, que as transformam em mulher, perante os códigos sociais vigentes em determinadas sociedades, como também pondera Simone de Beauvoir (1949) em sua obra “O segundo sexo”.

A palavra Queer (SAFATLE, 2015), originalmente denotava o bizarro, excêntrico, estranho e passou a tomar referência em demasia aos homossexuais a partir do século XIX, foi apenas nos anos 1980 que esta palavra foi ressignificada pelo grupo LGBTQIA+,





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

tornando-se valorativa. A partir desse momento começou-se a formulação da “Teoria Queer”, sendo formulada inicialmente pela feminista Teresa de Lauretis.


Para Guacira Lopes Louro, o queer é o sujeito da sexualidade desviante que não deseja ser integrado e nem tolerado: “é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre-lugares', do indecível” (LOURO, 2016a, p. 7-8).

A terminologia foi usada como indicativo de posição ou disposição de contestação e de “não conformidade em relação às normas, processos de normalização ou cânones de qualquer ordem” (LOURO, 2017, p.37). Sendo assim, existindo duas vertentes para o conceito: uma ligada ao comportamento transgressivo que não respeita a heteronormatividade e outra é a teoria que estabelece dispositivos de ruptura de valores impostos.

Teresa de Lauretis (1987) repensam a esfera do gênero e sexualidade a partir de esferas de raça e classe e propõe uma releitura do conceito a partir das noções de “tecnologia sexual” de Foucault, sendo a sexualidade um resultado de um conjunto de ações sociais que pautam comportamentos e relações sociais. Lauretis (1987) refuta o argumento com uma razão pontual, pelo seu lugar de fala, ela difere a história da sexualidade de homens e mulheres.

Para Butler (2010), o gênero “é performatividade produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero” (BUTLER, 2010, p.48. Grifos da autora). Pode-se dizer que a identidade de gênero é performatividade constitutiva pois os atos que regem essa formação identitária do gênero são performativos, sendo projetados por sinais corporais e por meios discursivos, tirando o caráter ontológico do gênero.

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (BUTLER, 2010, p. 195).





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021


A autora traz o conceito de performance, o mais importante para pensar o nosso objeto de estudo, as drags queens, pois é quando um corpo performa um gênero, como um efeito paródico de qualquer outro gênero. A esfera da performance é uma realização individual, ao passo que o performativo é aplicada ao discurso coletivo o qual constrói os gêneros, a autora reconhece que nem toda paródia é subversiva, refletindo o tipo de relação estabelecida entre produtor e receptor, entre performer e público, com a finalidade de perceber se essa paródia possui algum efeito disruptivo ou se permanece domesticada. A autora ainda problematiza:

Que performance inverterá a distinção interno/externo e obrigará a repensar radicalmente as pressuposições psicológicas da identidade de gênero e da sexualidade? Que performance obrigará a reconsiderar o lugar e a estabilidade do masculino e do feminino? E que tipo de performance de gênero representará e revelará o caráter performativo do próprio gênero, de modo a desestabilizar as categorias naturalizadas de identidade e desejo? (BUTLER, 2010, p. 198. Grifos da autora).

Em minha análise utilizarei da esfera da performance a partir do olhar de Butler (2010) para o estudo das Drags Queens presente no editorial da Vogue Brasil. Como Louro (2016b) refletiu de forma genuína sobre as normas de gênero a partir da ideia que elas podem ser citadas em um contexto distinto, sendo exibidas no intuito de expor por um modelo radical, o seu caráter fabricado e construído, como uma denúncia de subversão do sistema.

É o que faz, por exemplo, uma drag queen. A drag se aproxima do objeto que imita e, ao mesmo tempo, o expõe e o critica. Pelo excesso e pelo exagero, escancara as normas de gênero e demonstra seu caráter artificial. Ela pode ser vista como um exemplo de subversão e também de possibilidade de agência. Mas (e de novo a adversativa) a figura da drag não será sempre, necessariamente, subversiva. Por vezes, as formas paródicas de gênero acabam por provocar, tão somente, o riso inconsequente. De algum modo domesticadas ou colonizadas no interior da matriz heterossexual, elas podem, mais uma vez, por vias outras, reforçar as diferenças e as hierarquias. (LOURO, G. 2013, p. 15.)

A partir dessa inquietação, a aproximação dos autores revela o caráter dos simbolismos do feminino empregados nas Drags Queens, que ressurgem com um significado cultural deslocado no sistema de moda, mas mantendo imagens que ressurgem na arte concomitantemente. As próprias inquietações de Butler apresentada no texto de Louro (2016b) acerca das performances de gênero continuam: “As normas de gênero





16º

COLÓQUIO
DE MODA

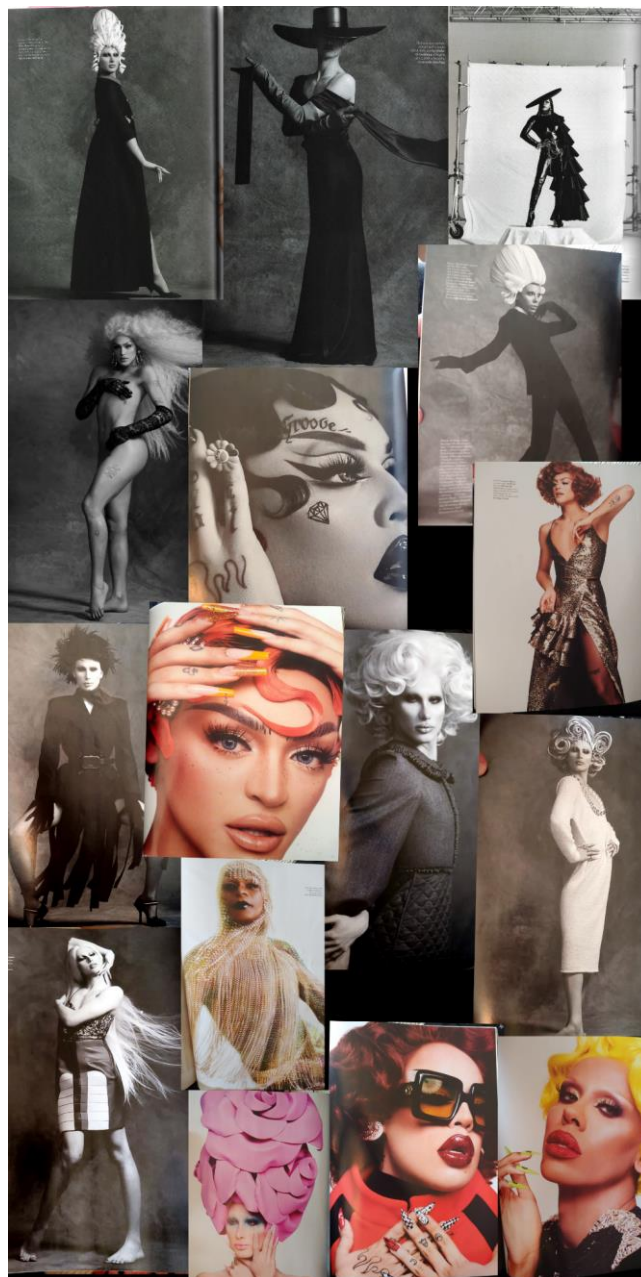
EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

acabam por se impor sempre, inexoravelmente? É possível driblá-las de algum modo? Quais as possibilidades e os limites para a agência? Quando uma reconstrução é eletivamente subversiva? Quando se constitui em renovada dissimulação das normas?” (LOURO, G. 2016b, p.15). Porém o artigo é concluído com a revelação sobre o poder do movimento em ressignificar imagens, criando novos significados e ritos de consumo.

4. Análises do Pathos e o deslocamento do significante nos rituais de consumo

Para realizar as análises em questões, começo fazendo a prancha contendo as 16 imagens do editorial, como Aby Warburg (2012) ponderou, para compreender o método de análise do pathosformel é necessário compreender a prancha de análise primeiramente.

Figura 4: Prancha Editorial Drag Queen Vogue Brasil.



Fonte: Edição Vogue Brasil Outubro de 2020.

Após isso, para identificar a presença do Pathos é necessário atentar-se ao corpo dos personagens das personagens em questão, na gesticulação, na sua expressão, nas próprias atitudes e posições das modelos. Como refletiu o autor a partir de suas observações,



16º

COLÓQUIO
DE MODA


EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

a presença de gestos e posturas o qual denomina de “mímica intensificada”, é o lugar do pathos, uma eloquência de movimentos, que denomina de “movimento da alma”, um acontecimento da alma, passada pelo corpo e percebida nas expressões artísticas. A ideia do Pathosformel encontra-se na junção dessas “mímicas intensificadas”, na emoção expressa no corpo e cristalizada em uma fórmula e imagem, assim, é possível pensar na pós-vida da imagem, no pós-vida dos símbolos femininos expostos.

O editorial traz a proposta da alta-costura, com peças de marcas de luxo, todas as modelos estão com gesticulações que lembram famosos editoriais da alta-costura, como o da Yves Saint Laurent de 1966, em que o estilista apresentou o smoking feminino e a situação de poder para a figura feminina. Já que “A drag se aproxima do objeto que imita e, ao mesmo tempo, o expõe e o critica.” (LOURO, G. 2013, p. 15), as imagens carregadas pelas performers, é a de simbolismo de poder, resistência e liberdade, podendo ser percebida nos cabelos e tecidos soltos, olhar marcado em tom de intimidação. A crítica é perceptível à própria permanência de cada Drag, como as tatuagens no rosto de Gloria Groove retomando seu conceito de sujeito de classe baixa, mesmo vestindo o alto luxo, ou na permanência do corpo masculinizado da Pabllo Vittar, retomando a ideia da performatização do gênero, sendo assim, havendo pontos de subjetividade e de domesticamente na mesma imagem.

Considerações Finais

A partir desses pontos, seria equivocado realizar a conclusão das drags queens agirem como agências ou como um modelo de subversão, para isso precisaria um estudo mais profundo, mas a partir dessas imagens e sendo o primeiro editorial com o protagonismo Drag Queen, o significado cultural foi alterado a partir desse sistema. A partir da análise proposta por McCracken (2007), o aspecto do mundo unido ao bem de consumo, neste caso, o editorial em questão é o nosso próprio objeto de estudo, as Drags Queens e todos os simbolismos indicados acima, a Vogue utilizou dessa estratégia justamente para alterar a sua imagem antiga e alterar o ritual de consumo dos seus leitores. Em relação ao sistema ter inventado novos significados culturais, a revista aproveitou da carga semântica das Drags que também são formadoras de opinião, principalmente do público LGBTQIA+ para refinar





16º

COLÓQUIO
DE MODA


EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

e moldar novos significados culturais, como na própria crítica feita perante as normas de gênero do grupo em questão, ampliando a imagem de diversidade sobre o bem de consumo, enquanto as invenções de novos significados culturais, feita por forças sociais anônimas, existem algumas ressalvas, mesmo o editorial trazendo esse grupo que propõe uma reforma radical, o simbolismo que os mesmos estão impregnando é o de uma cultura existente, porém, a partir disso, podemos começar a pensar no início de uma nova mudança radical, ao qual cabe ao movimento manter o caráter de resistência e tomar espaço nesses sistemas de modificação de significação cultural para realmente a mudança ser feita, ao passo que essa retórica tem raízes estruturais da sociedade, como apontou Butler (2010), e tais sistemas, como o da moda ou o da publicidade, possuem o poder de alterar esses sentidos sociais a partir de suas significações culturais sendo colocadas em evidências.

Os rituais de consumo (TRINDADE; PERES. 2014), é visto como um dispositivo midiático articulador dos vínculos de sentidos entre marcas e consumidores, ao pensar sobre o papel da Vogue perante o sistema de moda na representação de tais rituais, é possível compreender um novo sentido entre ela e seus consumidores perante esse deslocamento de significado, ou seja, ao estabelecer esse deslocamento do significado, juntamente alterou-se o sentido e a ritualização da marca, fazendo emergir um novo modelo perante a sua ritualização do consumo.

Essa mudança pode ser vista nos rituais de busca e compra, já que, como visto, um grupo marginalizado socialmente, toma espaço a partir das vozes de influência sobre os mesmos, o consumidor que se identifica com os simbolismos empregados, entrará na retórica do consumo da marca em questão, justamente para passar a consumir o bem a partir do novo significado cultural empregado, fazendo uso do novo processo de ritualização, transferindo significados do sistema macro produtivo para o sistema micro da vida cotidiana desse consumidor. Essa nova ritualização de consumo com a revista é perceptível ao passo que após a veiculação do editorial, o erro antigo da mesma foi esquecido, levando em consideração apenas para o novo significado deslocado.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

Referências

BARTHES, Roland. **Sistema da Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CHIDIAC, Maria; OLTRAMARI, Leandro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. In: **Estudos de Psicologia** 9. 471-478, 2004.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). **Tendências e impasses**. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016a.

LOURO, Guacira Lopes. Uma sequência de atos. **Revista Cult**. N. 6 (edição especial), São Paulo, Jan. 2016b, p. 12-15.

LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafraão**. Takes Cuts Close-ups. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MCCRACKEN, Grant. Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo. **Revista Administração de Empresas (RAE)**. vol.47 n.1, São Paulo, Jan./Mar. 2007, p. 99-115.

SAFATLE, Vladimir. Posfácio. Dos problemas de gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In: BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Tradução de Regina Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

TRINDADE, Eneus; PEREZ, Clotilde. Os rituais de consumo como dispositivos midiáticos para a construção de vínculos entre marcas e consumidores. **ALCEU** - v.15 - n.29 - jul./dez. 2014 - p. 157 a 171.

WARBURG, A. **L'Atlas Mnémósyne**. Paris: L'écarquillé, 2012.

